

MR54: Violência de gênero na academia e na pesquisa antropológica

Coordenação: Heloisa Buarque de Almeida (USP)

Debatedor/a: Tânia Mara Campos de Almeida (UnB)

Participantes: Fabiene Gama (UFRGS), Vivian Andrea Martínez Díaz (Universidad de Los Andes), Carolina Bezerra (UFJF), Heloisa Buarque de Almeida (USP)

Resumo:

Esta mesa redonda visa apresentar reflexões e debates recentes na antropologia sobre a temática da violência de gênero na academia, incluindo reflexões sobre a pesquisa de campo. O foco recai sobre a compreensão dos fenômenos agora nomeados como “assédio sexual”, categoria de violência sexual que tem tido muita repercussão a partir de meados da década passada, em especial através de campanhas feministas no Brasil como #MeuPrimeiroAssédio e #MeuProfessorAbusador, que ganharam ampla repercussão nas universidades públicas em escrachos, páginas do Facebook, ou posts no Twitter, e mesmo denúncias formais nas instâncias universitárias ou judiciárias. O tema tem tido também forte repercussão pela força dos movimentos feministas na América Latina, com muitos grupos e redes associadas a ambientes acadêmicos. Os trabalhos desta mesa visam compreender que tipo de agressões de gênero estão em jogo no ambiente acadêmico, nas universidades e também nos trabalhos de campo. Interessa-nos particularmente aquelas nomeadas como assédio. Aqui, refletiremos sobre como os casos foram denunciados, ganharam visibilidade e demandaram a criação de novas instâncias acadêmicas para acolhimentos de vítimas, apuração de denúncias, e propostas educativas como prevenção de agressões. Em muitos dos casos conhecidos, denunciar significa também um risco à carreira acadêmica de pessoas que foram assediadas e a permanência dessas pessoas na academia.

Precisamos falar sobre assédio na universidade?

Autoria: Heloisa Buarque de Almeida

Nesta fala, busco refletir sobre a construção pública da categoria “assédio sexual” a partir de eventos que se deram em torno de algumas universidades públicas e a repercussão de casos nas mídias sociais e na imprensa. Tomando como ponto de partida a CPI na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo em 2015 e minha atuação junto ao movimento social feminista de docentes, denominado “Rede Não Cala USP”, busco analisar aqui alguns casos de assédio sexual que pude acompanhar e os mecanismos formais e informais de apuração e negociação de conflitos no ambiente acadêmico. Nesta fala, exploro especialmente a questão dos marcadores sociais da diferença e como as hierarquias acadêmicas e institucionais afetam a repercussão, visibilidade e desdobramento dos casos.

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

